

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS DE GRAJAÚ-MA  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-GEOGRAFIA

**TAICE ANDRADE DA LUZ**

**ENTRE O “QUARTO DE DESPEJO” E A “SALA DE VISITA”:** A trajetória de Carolina  
de Jesus no meio intelectual brasileiro

Grajaú-MA  
2017

**TAICE ANDRADE DA LUZ**

**ENTRE O “QUARTO DE DESPEJO” E A “SALA DE VISITA”:** A trajetória de Carolina de Jesus no meio intelectual brasileiro

Monografia apresentada ao curso Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – Campus de Grajaú, como requisito para a obtenção do grau em Licenciada em Ciências Humanas com habilitação em Geografia.

Orientador: Prof. Ms. José Maria Vieira de Andrade

Grajaú-MA

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Andrade da Luz, Taice.

ENTRE O QUARTO DE DESPEJO E A SALA DE VISITA: A trajetória de  
Carolina de Jesus no meio intelectual brasileiro / Taice Andrade da Luz. - 2017.  
50 p.

Orientador(a): José Maria Vieira de Andrade.  
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Geografia,  
Universidade Federal do Maranhão, Grajaú-MA, 2017.

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Escritor negro. 3. Trajetória intelectual. 4.  
Universo cultural. I. Vieira de Andrade, José Maria. II. Título.

**TAICE ANDRADE DA LUZ**

**ENTRE O “QUARTO DE DESPEJO” E A “SALA DE VISITA”:** A trajetória de Carolina de Jesus no meio intelectual brasileiro

Monografia apresentada ao curso Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – Campus de Grajaú, como requisito para a obtenção do grau em Licenciada em Ciências humanas com habilitação em Geografia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. José Maria Vieira de Andrade** (Orientador)  
Mestre em História  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Neusani Oliveira Ives Felix**  
Mestre em Educação  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Francisco Lima Vale**  
Mestre em Filosofia  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Francisco Lopes da Silva e Filho**  
Mestre em História  
Universidade Federal do Maranhão

## AGRADECIMENTOS

A Deus, minha força maior,

Aos meus pais, Ana Alzira e João, pelo amor, dedicação, e apoio constante durante todo o meu percurso ao longo da vida,

A minha irmã Venice, e ao meu irmão Jailson, pelo carinho e companheirismo, por cada momento compartilhado,

A minhas queridas companheiras de estudos, pela amizade construída, pelos momentos agradáveis e difíceis que passamos juntas,

Ao meu Orientador, o Prof. Ms. José Maria Andrade, pela paciência, orientação e incentivo para a realização da pesquisa,

A Prof. Ms. Rosimary Rocha e a Prof. Ms Mônica Ribeiro, pela força e apoio nos momentos difíceis,

Aos meus familiares, pelo carinho,

Aos meus amigos, pela amizade e simpatia,

A todos os professores e professoras, que tive o privilégio de conhecer durante a minha caminhada estudantil, pela partilha de ideias e conhecimentos,

Agradeço a todos que contribuíram diretamente ou indiretamente para a realização deste trabalho,

Obrigada!

Uma palavra escrita não pode nunca ser apagada, por mais que o desenho tenha sido escrito a lápis, e que seja de boa qualidade a borracha, o papel guarda o relevo das letras escritas. Não senhor, ninguém vai apagar as palavras que eu escrevi. [...] As palavras se não consegue mudar o mundo, serve pelo menos para conta-lo ou até inventa-lo um mundo novo. Assim como as palavras as pessoas que as escrevem não podem serem apagadas.

Carolina Maria de Jesus

## RESUMO

No Brasil, a construção do ser negro intelectual perpassa por diversos desafios, e em muitos casos o anonimato é um elemento crucial que dificulta o conhecimento de muitos intelectuais negros brasileiros. Carolina Maria de Jesus foi uma escritora, que escreveu no decorrer do século XX várias obras, e procurou através da leitura e escrita abordar diversos problemas da sociedade naquele período, principalmente os que afligiam a favela onde morava. O objetivo desse trabalho é fazer uma análise a cerca da trajetória intelectual de Carolina de Jesus no intuito de compreender como a escritora se constituiu enquanto intelectual, no contexto da segunda metade do século XX, e identificar os fatores que contribuíram para o seu esquecimento ou para o quase desconhecimento da autora e seus livros. Percebe-se que nos últimos anos houve uma retomada, no que se refere à vida e a obra da autora, e entender os motivos que favoreceram essa retomada corresponde a um dos pontos fundamentais desse trabalho. É nesse sentido, trata-se de um estudo que contribui não só para repensar a trajetória e a produção de Carolina de Jesus, bem como também uma oportunidade para repensarmos, igualmente, sobre os dilemas e desafios existentes em torno do universo cultural e intelectual nacional.

**Palavras-chave:** Carolina Maria de Jesus. Trajetória intelectual. Escritor negro. Universo cultural.

## ABSTRACT

In Brazil, the construction of the intellectual black being runs through various challenges, and in many cases anonymity is a crucial element that hinders the knowledge of many black Brazilian intellectuals. Carolina Maria de Jesus was a writer, who wrote several works during the twentieth century, and sought through reading and writing to address various problems of society in that period, especially those that afflicted the slum in which she lived. The objective of this work is to analyze the intellectual trajectory of Carolina de Jesus in order to understand how the writer was constituted as an intellectual in the context of the second half of the twentieth century, and to identify factors that contributed to its knowledge or quasi unknown of the author and her books. It is noticed that in the last years there is a resumption in the life and the work of the author, and to understand the reasons that favored this resumption corresponds to one of the fundamental points of that work. And in this sense, it is a study that contributes not only to rethinking the trajectory and production of Carolina de Jesus, but also as an opportunity to rethink, equally, the dilemmas and challenges that exist around the cultural and intellectual universe national.

**Key-words:** Carolina Maria de Jesus. Intellectual trajectory. Black writer. Cultural universe.



## SÚMARIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 CAROLINA DE JESUS: ESQUECIMENTO E NÃO CONHECIMENTO</b> .....	11
<b>2.1. Vida, obra e produção intelectual</b> .....	13
<b>2.2 Breve fortuna crítica sobre a escritora Carolina de Jesus</b> .....	19
<b>3. A ESCRITA DE CAROLINA DE JESUS: DO “QUARTO DE DESPEJO” PARA A “SALA DE VISITA”</b> .....	26
<b>3.1 Quarto de despejo: diário de uma favelada</b> .....	27
<b>3.2 Casa de Alvenaria: o diário de uma ex-favelada</b> .....	34
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	46

## INTRODUÇÃO

No decorrer da nossa formação educacional nos deparamos com uma infinidade de obras e diversos autores que nos ajudam a melhor conhecer a história do nosso país. Nesse percurso, alguns nomes são citados com frequência em bibliografias, planos de curso e outros materiais didáticos, enquanto outros quase não aparecem ou estão completamente ausentes destas listas e referências. Exemplo disso é o que identificamos quando nos interrogamos sobre a presença e ausências de nomes de escritores, tais como, Abdias Nascimento<sup>1</sup>, Joel Rufino dos Santos<sup>2</sup>, Solano Trindade<sup>3</sup>.

A trajetória intelectual da escritora Carolina Maria de Jesus é um dos exemplos mais notórios nesse cenário. Trata-se de um percurso intelectual marcado por um conjunto de desafios, seja relacionado a questões de condição social, étnicas ou de gênero. Carolina<sup>4</sup> surge como escritora no início da década de sessenta com o lançamento do seu primeiro livro publicado, intitulado *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* no qual a escritora narra o ambiente da favela do Canindé, suas misérias e dificuldades.

Carolina de Jesus foi escritora, poetisa, compositora, cantora, sambista, empregada doméstica, babá, cozinheira, mãe de três filhos, lavradora, contista, romancista. Deixou para a sociedade literária e para a cultura brasileira um vasto legado intelectual, usando uma linguagem simples, mas original, registrou em seus cadernos muitos capítulos de uma história que ainda precisa ser conhecida e reconhecida.

Foi impulsionada pelo “descobrimento” há alguns anos atrás de alguns indícios preliminares dessa trajetória intelectual e história de vida tão singulares, que procuramos desenvolver uma pesquisa sobre o trajeto de Carolina no meio intelectual brasileiro. Este

---

<sup>1</sup> Abdias do Nascimento nasceu em Franca São Paulo, em 14 de março de 1914, e faleceu em 24 de maio de 2011, no Rio de Janeiro. Foi poeta, professor universitário, escritor, artista plástico, dramaturgo político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Atuou em entidades que se destacaram na história do movimento negro nacional como, a Frente Negra Brasileira (FNB), e o Teatro Experimental do Negro (TEM), qual fundou e atuou em suas atividades, se projetando como um intelectual e liderança política. Autor de vários livros incluindo, Sortilégio; Dramas para negros; O negro revoltado; Orixás: os deuses vivos da África.

<sup>2</sup> Joel Rufino dos Santos nasceu no Rio de Janeiro em 1941, e faleceu em 4 de Setembro de 2015. Foi um historiador, escritor e professor. Seu nome é referência no assunto sobre a cultura africana no país. Autor de vários livros, dentre eles, O que é racismo; Abolição; Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável; A história do negro no teatro brasileiro; Saber de Negro.

<sup>3</sup> Solano Trindade nasceu em Recife no dia 24 de Julho de 1908 e faleceu em 19 de Fevereiro de 1974 no Rio de Janeiro. Foi um poeta, pintor, ator, teatrólogo e cineasta. Autor de diversos livros, dentre eles, Poemas de uma vida simples; Cantares ao meu povo; O poeta do povo.

<sup>4</sup> No presente trabalho utilizamos a terminologia Carolina quando nos referimos a escritora Carolina Maria de Jesus.

trabalho intitulado *Entre o “quarto de despejo” e a “sala de visita”: a trajetória de Carolina de Jesus no meio intelectual brasileiro*, tem como objetivo geral, compreender as particularidades da forma de inserção de Carolina no meio intelectual brasileiro da segunda metade do século XX, no Brasil. Entre os objetivos específicos podemos apontar ainda: refletir sobre as particularidades de sua história de vida; analisar como a crítica literária tratou de sua produção; repensar algumas características gerais de sua produção escrita.

Tendo em vista os objetivos mencionados, a realização do presente estudo seguiu um caminho metodológico que envolveu, basicamente, três momentos diferenciados. No primeiro momento, o estudo envolveu uma ampla pesquisa bibliográfica, em torno da temática em questão, onde foi realizado um significativo levantamento e análise de uma parte sobre o que já foi produzido sobre a escritora Carolina, em termos mais específicos, ou sobre a problemática intelectual no Brasil da metade do século XX, em termos mais gerais. Essa etapa envolveu também um levantamento das obras da autora que foram publicadas até o momento, seja quando ainda estava em vida, seja as publicações feitas após a sua morte.

Outro momento da pesquisa correspondeu a um breve levantamento e análise de vídeos e documentários produzidos sobre Carolina. Vídeos e documentários que na sua grande maioria se encontram disponíveis para o público em geral através da internet e que aqui são tomados como exemplos das estratégias para retirar o nome da autora do incômodo “silêncio” que ele se encontra nos dias de hoje, bem como uma forma de cristalização de uma dada visão sobre o que representou a trajetória de Carolina, no cenário intelectual e literário brasileiro.

O terceiro e último momento, foi destinado a uma apreciação de uma parte das obras da escritora, onde foram selecionados, em meio à sua escrita literária, alguns elementos significativos para a compreensão das particularidades de sua trajetória e produção intelectual. Dentre as obras da escritora podemos destacar *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, que foi publicado em 1960, *Casa de alvenaria: o diário de uma ex-favelada*, publicada em 1961, *Pedaços de fome* publicada em 1963, *Diária de Bitita* publicado em 1986. Das obras citadas, *Quarto de despejo* e *Casa de alvenaria* foram analisadas mais detalhadamente.

Diante de todos esses elementos, optamos por organizar a narrativa deste trabalho em duas partes diferenciadas. Na primeira parte do texto, buscamos apontar alguns fatores que foram cruciais para o esquecimento ou pouco conhecimento da escritora Carolina no cenário literário brasileiro, contribuindo para que a escritora e suas obras não tivesse o mesmo destino

alcançado por outros escritores que escreveram e publicaram no mesmo período que ela. Buscamos enfatizar que um conhecimento mais abrangente a cerca dos intelectuais que são “silenciados,” enquanto outros são “privilegiados,” nos ajuda a compreender o próprio funcionamento e dinâmica dos circuitos intelectuais do país, assim como esses mesmos circuitos lidam com os problemas presente decorrentes de um passado marcado por séculos de escravidão.

A vida, obra e produção intelectual da escritora são apresentadas em seguida. Nesse contexto, conhecer um pouco a respeito da biografia de Carolina nos permitiu fazer um apanhado de alguns fragmentos de sua trajetória de vida e entender as particularidades dela enquanto escritora e enquanto indivíduo.

Para tanto, elaboramos uma breve fortuna crítica a respeito de Carolina, enfocando o seu legado intelectual que já foi abordado por pesquisadores e pesquisadoras que estudam suas obras. Apresentamos algumas particularidades encontradas em cada trabalho analisado, e a importância de cada trabalho para que a escritora aos poucos ganhe visibilidade dentro do cenário intelectual e literário brasileiro.

Na segunda parte do trabalho procuramos fazer uma discussão sobre a importância da leitura e da escrita para Carolina e a função que elas desempenham na vida da escritora. Na tentativa de encontrar e trazer mais elementos que ajudam a entender a peculiaridade da escrita de Carolina utilizei os primeiros livros da autora que foram publicados, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*.

A escolha dos livros se deu pelo fato de um desses ser o texto mais conhecido da autora. Em segundo lugar, porque um paralelo entre esses dois livros, oferece elementos significativos para entendermos a complexa maneira como a escritora foi absorvida pelo meio intelectual da época.

Percebeu-se que nos últimos anos há uma retomada no que se refere à vida e a obra da autora. Acreditamos, assim, que entender os motivos que favoreceram essa retomada é de fundamental importância para pensar a condição do negro enquanto escritor ou escritora na sociedade brasileira e compreender o papel que seu trabalho desempenha na construção e propagação do conhecimento.

## 2 CAROLINA DE JESUS: ESQUECIMENTO OU NÃO CONHECIMENTO

Não é uma tarefa fácil falar de uma escritora ou escritor que é dono de uma produção intelectual vasta, sendo suas obras conhecidas em mais de quarenta países, traduzidas para mais de doze idiomas, e no seu país natal, seu nome ser, paradoxalmente, quase ausente de grande parte das bibliografias e manuais didáticos. Manuais estes que dar grande destaque a nomes como os de Jorge Amado, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, e silenciam sobre a contribuição de outros nomes que escreveram e atuaram na mesma época.

É essa impressão inicial que fica quando nos deparamos com o nome de Carolina. Uma figura não apenas pouco conhecida ainda do público em geral, conforme estas ausências de referências ao seu nome transparecem, mas que quando nas oportunidades em que foi evocado, aqueles que o fizeram, tentaram prendê-la dentro de um mundo onde parece quase impossível uma mulher como ela, “negra e favelada”, escrever alguma coisa que aspire ao status de “literatura”. Um discurso bem diferente daqueles que em outras situações fazem referência a escritores como Clarice Lispector, que diferente de Carolina, fazia parte da elite cultural paulista.

No Brasil, alguns pesquisadores tentaram responder sobre o porquê de Carolina ainda hoje ser um nome pouco conhecido. Entre esses destacamos os trabalhos dos historiadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine que trabalham em um projeto de pesquisa voltado para a representação de intelectuais afro-brasileiros, e Carolina foi incluída, surgindo do trabalho sobre a escritora, o livro, *A cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*.

Uma obra historiográfica que coloca Carolina como uma das escritoras negra mais importante do século XX. Em uma passagem do livro Levine nos aponta alguns elementos que foram cruciais para que hoje o país saiba tão pouco a respeito da escritora, enfatizando que:

O que é notável na saga de Carolina é que apenas quinze anos depois de sua morte, três décadas depois da publicação e do barulho feito em torno de *Quarto de despejo*, uma nova geração pouco ou nada sabe da escritora negra. Seus livros desapareceram das livrarias depois do golpe militar e agora voltam timidamente. É, neste sentido, quase incompreensível como houve um apagamento de sua memória no Brasil, particularmente nos níveis escolares, fato que contrasta com sua reputação em academias do exterior onde sempre integra a lista de cursos sobre mulheres, raça e pobreza no terceiro mundo. (LEVINE 1994 *apud* FLORES 2010, p.7).

Conforme a citação sugere, não diferente de outros intelectuais, Carolina também foi afetada pelo golpe militar instalado no país. Seus livros não foram considerados comportados para o momento. Com certeza isso foi um dos motivos que levou o historiador a afirmar que seus livros desapareceram das livrarias. Mas aos poucos a memória da escritora está sendo resgatada, estudada, e com o passar dos anos seus livros estão voltando e ocupando os lugares que antes lhes pertenciam.

Mesmo enfrentando sérias críticas, as obras de Carolina são de fundamental importância para o conhecimento, seja no âmbito da História, Literatura, Sociologia, Economia, Linguagem, Antropologia, enfim a leitura das mesmas nos permite entender a realidade brasileira naquele momento através de uma escrita de dentro para fora. Ou seja, uma visão daquele contexto contada por alguém que viveu dentro do mesmo ambiente descrito nas páginas de seus cadernos recolhidos no lixão da favela e usado para retratar a realidade da própria favela.

Nas últimas décadas o trabalho de Carolina vem ganhando espaço dentro das academias, mas ainda apresenta uma resistência muito grande dos seus livros nos currículos escolares do país. Por ser uma mulher negra, talvez a não aceitação da sua negritude acabe dificultando a sua inserção dentro dos currículos, e posteriormente contribuindo para o não conhecimento de suas obras.

Parece que a ditadura militar não foi o único problema enfrentado pela escritora para que sua escrita fosse conhecida ou reconhecida, mas também sua condição enquanto mulher negra. Ser aceito dentro do padrão cânone literário imposto pela sociedade é um dos maiores desafios enfrentado pela escrita de Carolina, já que para a crítica gramatical sua escrita não é encaixada dentro da norma culta da língua brasileira. Outra dificuldade encontrada hoje que não possibilita a inserção das obras nas escolas está relacionado a linguística, a linguagem utilizada pela autora.

Se tentarmos colocar as obras de Carolina dentro do padrão exigido, as mesmas não serão aceitas. A forma como a escritora registrava sua vida nos cadernos que deixou escrito não deixa dúvida de que sua preocupação não era seguir um modelo imposto, escrever certo ou errado, mas escrever da forma que sabia e por, mais que seus poucos anos de estudos tenham contribuído para que isso venha ocorrer, o que ela mais prezava era escrever e deixar registrado uma obra testemunhal de alguém que viveu as mazelas de uma sociedade afetada por inúmeros problemas.

Acreditamos que não podemos ignorar o fato de que a escrita de Carolina apresenta vários “erros gramaticais”. Mas isso não quer dizer que seus escritos não tenham importância. Ao nosso ver o que precisa ser colocado em debate não é se sua escrita pertence ou não a padrão culto da língua portuguesa, mas conhecer em que contexto Carolina escreveu e, a partir desse momento, tentar compreender quais elementos é colocado pela sociedade para que uma escritora ou escritor venha se constituir enquanto um intelectual no Brasil, seja negro ou não.

Nesse sentido, os silenciamentos e esquecimentos existentes em relação à trajetória intelectual de Carolina não podem ser considerados como algo decorrente apenas do fato de sua escrita não se enquadrar em padrões da norma culta. Ao nosso ver trata-se de algo mais complexo, que, por um lado, parece está diretamente relacionado ao próprio lugar social que a escritora partiu e quis representar, conforme uma rápida análise sobre seu trajeto biográfico, bem como sobre a fortuna crítica de obras, nos permite observar com mais precisão.

## **2. 1 Vida, obra e produção intelectual**

A biografia de uma pessoa é de fundamental importância para o conhecimento de sua vida. Os fatos relatados e registrados contam sua história em diferentes momentos seguindo uma ordem cronológica, desde a infância até a morte, mas isso não quer dizer que todos os aspectos da trajetória de vida da pessoa sejam destacados pelo biógrafo. A tarefa de que fazer uma biografia não é o mesmo que refazer a vida de uma pessoa tal qual ela foi realmente, mas sim apenas destacar alguns aspectos da vida dela ou dele que o biógrafo considera relevante<sup>5</sup>.

Nesse sentido conhecer um pouco a respeito da biografia de Carolina é tarefa que nos coloca diretamente frente a frente com um conjunto de textos que durante muito tempo vem selecionando fragmentos de sua vida que, embora não dão conta da totalidade de toda sua existência, são fragmentos que nos permitem entender um pouco mais sobre as particularidades de sua trajetória de vida.

---

<sup>5</sup> Sobre essa discussão sobre os perigos e possibilidades de uma biografia cf: Bourdeiu, Pierre. L’illusion biographique. Actes de la Recherche in Socieles (62/63): 69-72, juin 1986.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento (MG) em 14 de Março de 1914. O que se sabe até o momento, como não era comum as famílias pobres registrarem seus filhos em cartório, possibilitou o surgimento mais tarde de várias datas de nascimento. Filha de Maria Carolina de Jesus e João Cândido Veloso, Carolina nasceu de uma relação extraconjugal, pois sua mãe era casada com outro homem, tornando assim filha ilegítima.

Morava com a mãe e seu irmão em um sítio que pertencia a seu avô materno Benedito José em Sacramento, Minas Gerais, por quem tinha uma profunda admiração e respeito. Começou a estudar por volta de seis anos de idade no Colégio Alan Kardec, por intermédio da Dona Mariquinha Saturnino para quem a mãe de Carolina lavava roupa. Estudou apenas dois anos, mas o colégio possuía uma educação inovadora e valorizava o alto desenvolvimento, isso foi o suficiente para despertar na menina o interesse pela leitura e pela escrita.

Em sua obra intitulada *Diário de Bitita*, Carolina descreve todo esse processo, destacando a importância da sua saudosa professora Lonita Solvina para a sua aprendizagem. No início não gostava de estudar, ia para a escola pelo fato de ser obrigatório comparecer todos os dias. Mas, em uma ocasião, a professora Lonita chamou a atenção para a importância da leitura e da escrita na vida das pessoas, na qual descreve enfatizando que:

Ela percebendo que eu não me interessava pelos estudos desenhou no quadro-negro um homem com um tridente nas mãos que transpassava uma criança e disse-me: -Dona Carolina, este homem é o inspetor. A criança que não aprende a ler até o fim do ano ele espetta no garfo. No fim do ano ele vem aqui e eu vou apresentá-la a ele e pedir-lhe que dê um jeito na senhora, porque a senhora não quer estudar. Ele há de espetá-la no garfo. (JESUS, 1986, p.125.)

O desenho causou-lhe uma profunda comoção e a partir daquele momento ela decidiu estudar, logo percebe que já sabe ler, sai da escola depressa, corre pelas ruas e lê todas as tabuletas que encontra e, quando chega à casa, fica bastante triste, pois não encontra nenhum livro para ler em uma casa de cultura oral como a sua. Então, sua vizinha emprestou-lhe um livro, o romance *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães. Carolina adquire um gosto pela leitura a ponto que a literatura lhe conquista definitivamente.

A família de Carolina não tinha uma boa condição financeira e enquanto negros sofriam ainda mais com a falta de trabalho. Dessa forma, a menina ao crescer um pouco teve que deixar de estudar para trabalhar juntamente com sua mãe em casa de famílias ricas, fazia



varias atividades domésticas. Sem a oportunidade de estudar em uma escola como a maioria das crianças da sua idade, a menina continuou seus estudos apenas de forma diferente.

Depois de viajar por várias cidades do Triângulo Mineiro como Franca, Uberaba e Ribeirão Preto e assumir varias funções em busca de melhores condições de vida, Carolina enfrenta uma doença que aos poucos não lhe permite trabalhar, e a escritora nesse momento sai à procura de tratamento médico. A própria escritora relata sua condição no diário afirmando que:

[...] Eu passava os dias lendo os Lusíadas de Camões, com o auxílio do dicionário. Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amarumes da vida.

Por ter tomado muitos remédios, minhas pernas estavam cicatrizando. Comecei a fazer projetos. “Vou ficar boa. Hei de conhecer a cidade de São Paulo”. O povo dizia que era a cidade favo de mel. Em São Paulo tem um bairro que se chama Paraíso. E a cidade de São Paulo é um paraíso para os pobres. É o estado do Brasil que tem mais estradas de ferros. (JESUS, 1986, p. 177.).

Para Carolina a leitura não era uma opção, mas uma condição, a leitura lhe permitia viver melhor, sonhar com uma vida melhor. Assim como diversos brasileiros foi iludida com a ideia de que a cidade de São Paulo era um verdadeiro paraíso, e diante das inúmeras situações vividas por ela, morar na cidade lhe trazia a esperança de recomeçar uma nova etapa em sua trajetória.

Carolina foi para São Paulo na década de trinta na companhia de uma professora que a levou para trabalhar em sua casa como empregada doméstica. A própria Carolina descreve sua alegria ao chegar à cidade. Para ela, “São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do nosso país”. Quando chegou a São Paulo tinha um projeto de comprar uma casa e viver uma vida dignamente. Mesmo não concretizando seu sonho, Carolina conheceu o outro lado da cidade de São Paulo, uma cidade que na década de trinta do século XX passava por diversas transformações. A chegada dos imigrantes, as reformas políticas, a urbanização intensa, um espaço contraditório, e foi nesse ambiente de contraste que Carolina se adaptou.

Segundo Eliana de Moura Castro:

São Paulo desenvolvia-se com tal rapidez que era impossível seguir um plano. Considerada feia por muitos, tinha ao centro edifícios pomposos, ultrapassados e mal construídos, e ruas estreitas sem circulação de ar. Era selvagem, ainda a ser domada. [...] Aos olhos de Carolina, esses espaços tão desiguais eram desafiantes e, como ela própria, ambíguos e contraditórios. São Paulo era certamente um lugar em que ela podia viver, [...]. Sentiu-se em casa (CASTRO 2007 *apud*, SANTOS 2014, p. 62).

A cidade representava para Carolina a oportunidade para melhorar sua condição financeira, sua vida, mas também representava a luta pela sobrevivência. Trabalhou em vários empregos, foi babá, empregada doméstica, lavadeira, mas não demorava muito em um emprego por causa do seu gênio alterado. Trabalhou na casa de Zerbini, o médico que fez o primeiro transplante de coração do país, e nos finais de semana que era sua folga, ela pedia para ficar na biblioteca lendo, lia muito. Quando ficava sem emprego dormia nas ruas da cidade.

Quando engravidou do seu primeiro filho as coisas começaram a complicar ainda mais, pois grávida era difícil conseguir um emprego, foi morar na rua. Começou a catar lixo nas ruas, e trocar por dinheiro para garantir seu sustento, no meio do lixo recolhido deixava alguns papéis para escrever seus poemas e músicas. Como a cidade estava passando por um processo de modernização, os moradores de ruas foram retirados da cidade por meio de caminhões e jogados em Canindé, onde se formou a primeira favela de São Paulo.

Entre os que foram despejados estava Carolina que juntamente com os outros moradores fazia parte dos excluídos, dos miseráveis. Passou a ocupar o barraco número 9 da Rua A, feitos na maioria das vezes com resto de madeira de construção, papelão e latas. Os barracos não ofereciam nenhum conforto para os moradores, sem falar nas enchentes que atingia a favela, pelo fato da mesma está localizada às margens do Rio Tietê, e acarretava sérios problemas para as pessoas, como a destruição das casas. As doenças como esquistossomose e leptospirose, que são transmitidas por caramujos e ratos eram comuns na favela.

Quando seu filho nasceu sua rotina se intensificou muito. Como não tinha com quem deixar o menino tinha que levar com ela para assim catar o lixo, vender e comprar o que mais necessitava naquele momento. Logo o segundo filho chega e três anos depois a filha, filhos de pais diferentes, criou sozinha os três, recebia apenas uma pequena ajuda do pai de Vera Eunice. Carolina e seus filhos moram na favela até a década de sessenta quando sai para morar em um bairro nobre de São Paulo. A escritora morre em 1977 em decorrência de uma crise asmática em um sítio em Parelheiros (SP), morre pobre e quase esquecida pela sociedade.

Escreveu mais de 4500 páginas manuscritas que estão distribuídas em aproximadamente 37 cadernos. Atualmente parte desse material já foi microfilmado e se

encontra disponível para o público. Em seu trabalho de doutoramento Aline Alves Arruda ao abordar a respeito do material escrito que Carolina deixou, ela enfatiza que:

Além da obra publicada, há, na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, no Arquivo Edgard Leuenroth, na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, e recentemente no Arquivo de Escritores Mineiros da UFMG, uma coleção de dez rolos do “Projeto Carolina de Jesus”, que contém microfilmes de manuscritos, em sua maior parte, inéditos. Nos rolos microfilmados podemos encontrar uma variedade de escritos de Carolina: peças de teatro, anotações, pensamentos, diários, letras de músicas, contos e romances inéditos. São centenas de páginas de cadernos em que a escritora mistura anotações do dia a dia e listas de compras, com passagens de diário e textos em verso e de ficção. Cada rolo microfilmado em parceria com a Biblioteca de Washington contém uma média de três ou quatro cadernos. (ARRUDA, 2015, p. 12).

Além dos lugares citados pela pesquisadora, há também material no Arquivo Público de Sacramento (MG), há algum material no Moreira Sales no Rio de Janeiro, alguma coisa na USP, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e uma biblioteca no museu Afro Brasil no parque Ibirapuera em São Paulo, mas nem tudo foi microfilmado e com o passar dos anos novos cadernos são encontrados.

A obra da escritora Carolina foi conhecida pelo público por intermédio do jornalista Audálio Dantas que trabalhava na revista O Cruzeiro, e foi fazer uma reportagem na favela do Canindé. Chegando lá conheceu Carolina e ela o levou até sua casa e mostrou-lhe seus cadernos de poesias, memórias, diários e romances.

Mas ele se interessou pelo diário e falou para Carolina que ajudaria a publicá-lo. Em 1960, a escritora teve seu primeiro diário publicado, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* lançado pela Livraria e Editora Francisco Alves em São Paulo. Esse livro foi um sucesso editorial, e nos três primeiros dias de sua publicação foi vendido três mil exemplares, foi traduzido para várias línguas e distribuídas em diversos países.

Carolina logo foi convidada para participar de eventos políticos, artísticos e acadêmicos, entrevistada por revistas e jornais nacionais e internacionais, participou de vários programas de televisão, viajou por parte do Brasil e América Latina, conheceu pessoas importantes ligadas à elite cultural de São Paulo, mas tudo isso foi muito passageiro. Com a publicação do seu segundo diário, *Casa de alvenaria: o diário de uma ex-favelada* em 1961, pela mesma editora, Carolina já não foi mais bem recebida, começa nesse momento o seu processo de esquecimento. Depois publicou mais dois livros em vida com o seu próprio

dinheiro. Um romance, *Pedaços da fome* pela editora Aquila LTDA, e outro livro intitulado *Provérbios*, (sem editora) em 1963.

Já o livro *Diário de Bitita* foi lançado postumamente na França, em 1982 e no Brasil em 1986 pela Nova Fronteira, como destaca Arruda em seu trabalho:

[...] o livro *Diário de Bitita* foi publicado primeiro na França, em francês, em 1982 e quatro anos depois no Brasil. Não tem a forma de diário como os anteriores; apresenta relatos da infância e juventude da autora antes de morar em São Paulo, quando era conhecida como Bitita, seu apelido de família. Duas jornalistas vindas de Paris, uma brasileira, Clélia Pisa, e outra francesa, Maryvonne Lapouge, entrevistaram Carolina em 1975 e ela lhes entregou os originais, que as duas se encarregaram de traduzir e publicar. Nos relatos, a narradora, sob um ponto de vista infantil, se mostra uma criança perspicaz, questionadora e consciente, assim como a adulta de *Quarto de despejo*. As questões de gênero, classe e etnia são muito discutidas nesse livro. (ARRUDA, 2015, p. 13).

Em 1999 é lançado pela editora Xamã em São Paulo o livro *Meu estranho diário*, organizado pelo historiador Carlos Sebe Bom Meihy e pelo pesquisador Robert M. Levine. Em 1996 foi lançada *Antologia pessoal*, no Rio de Janeiro pela editora UFRJ, obra organizada por José Carlos Sebe Bom Meihy. Em relação essa obra Arruda enfatiza que:

O livro contém 87 poemas de Carolina que lembram o estilo romântico, com suas rimas e cadência musical, cujos temas passam também pelo conservadorismo, como as relações familiares consideradas “perfeitas”, além do sofrimento, o amor idealizado e as questões políticas que em todo seu projeto literário são destacadas. (ARRUDA, 2015, p. 14-15).

Mais recentemente em 2014, foi lançado em São Paulo pela editora Me Parió Revolução, o livro, *Onde estaes Felicidade?* um conto de Carolina organizado por Dinha e Raffaella Fernandez. Além dos publicados, ainda há muito material para se estudar, organizar e publicá-los. De acordo com Arruda:

[...] além dos publicados, encontram-se diversos inéditos à espera de leitores. Um dos romances encontrados na pesquisa na Biblioteca Nacional, *Rita*, tem como protagonista a personagem do título, que o narrador descreve como uma menina raquítica, de olhos grandes e narinas dilatadas. [...] Outro romance ainda inédito, *Dr. Silvio*, que também se encontra nos arquivos de Carolina, frisa essa diferença social: trata de um relacionamento amoroso entre a protagonista, moça pobre, filha da dona da pensão na capital, e um de seus hóspedes, um rico estudante de medicina, personagem que dá título ao romance. [...] Além dos dois romances citados, há mais quatro microfilmados: *Dr. Fausto*, *Diário de Martha ou mulher diabólica*, *O escravo* e ainda dois sem título. (ARRUDA, 2015, p. 14).

A partir do que foi exposto fica evidente que o legado de Carolina é muito denso, suas obras aos poucos vão sendo “descobertas”, estudadas e começam conquistar espaço e importância dentro da literatura brasileira. Diante de todas essas informações observamos a extensão e a complexidade que marca o trajeto de Carolina, seja em esforço de sobrevivência por sua origem social humilde, seja pelo seu atestado apego às letras e seu esforço para a partir de um dado momento se firmar como escritora, como intelectual, tendo uma parte de suas obras conquistado relativo prestígio nos meios literários nacionais. Prestígio parcial esse que não conseguiu impedir, no entanto, que, a partir de um dado momento, a escritora perdesse espaço e acabasse quase que esquecida nos dias atuais.

Contudo, além da biografia de Carolina, outra forma de tentarmos entender um pouco mais sobre as razões históricas que possibilitaram a projeção e a queda no esquecimento de Carolina no cenário intelectual nacional seria por meio de uma revisão de alguns dos estudos acadêmicos que foram produzidos nos últimos anos, conforme discorreremos no tópico a seguir.

## **2. 2 Breve fortuna crítica sobre a escritora Carolina de Jesus**

O legado intelectual de Carolina já foi abordado por diversos pesquisadores e pesquisadoras que, ao longo dos anos, se debruçaram a estudar suas obras. Cada trabalho apresenta suas particularidades, mas todos tentam enfatizar sua importância para o cenário intelectual e literário brasileiro.

As obras de Carolina são analisadas por diversos viés. Devido sua dimensão, seu legado não pode ser compreendido em sua totalidade, mas em sua especificidade. Cada obra apresenta suas peculiaridades, e pode ser estudada por diversos ângulos. Com o intuito de compreender melhor o universo intelectual de Carolina analisaram-se alguns trabalhos que ajudam a retirar o nome da autora do incômodo silêncio.

Enfatizando que não existem apenas esses pesquisadores e pesquisadoras que trabalham com as obras da escritora em discussão. A escolha destes se deu tanto pela abordagem que cada um faz a cerca da escritora, como a contribuição dos mesmos para a construção de um conhecimento mais aprofundado a respeito da relação de Carolina com a intelectualidade nacional.

O primeiro trabalho em análise é da doutora em literatura Conceição Evaristo<sup>6</sup>, que enfatiza a literatura negra, refletindo sobre o ato de fazer, pensar e vincular a literatura negra. Em seu estudo, Evaristo afirma “que a literatura brasileira é abusivamente branca, em seu propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço”. (CUTI 2002 *apud*, EVARISTO, 2009, p. 20).

A pesquisadora chama a atenção para como o negro é representado nos romances na literatura brasileira. Para a pesquisadora, “as vozes negras de homens e mulheres, como a de Carolina, ecoam em letras por dentro e fora do sistema literário brasileiro”. (EVARISTO, 2009. p.28). Destacando que o trabalho analisado é resultado da pesquisa feita para sua dissertação de mestrado intitulada “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, defendida em 1996 na PUC/RJ, mesmo sendo publicada em 2009, sua pesquisa a cerca da autora se iniciou bem antes, por esse motivo colocou-se como o primeiro ao ser analisado.

O trabalho nos chama atenção para o fato de que a literatura brasileira ainda é apresentada na maioria das vezes por escritores brancos, e a forma como o negro é representado por ela abriu espaço para a construção de uma imagem fragmentada, fraturada, acompanhada de pejorativos que dificultam ainda mais o conhecimento ou reconhecimento de escritores negros dentro do meio intelectual, ou do campo da literatura canônica imposta pela sociedade. Nesse sentido, Evaristo nos convida a pensar como Carolina é apresentada dentro do cenário literário brasileiro, mesmo sendo uma escritora de uma vasta bibliografia, o silêncio que paira sobre suas obras nos diz muito de uma sociedade que ainda não aprendeu a valorizar seus próprios escritores e escritoras.

Por sua vez, a temática trabalhada pelo professor e pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy<sup>7</sup>, no trabalho intitulado “Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio”, ao pensar sobre a forma como Carolina de Jesus foi silenciada, destaca “que a história da leitura no nosso país ainda precisa ser feita”. (MEIHY, 1998, p.83). Aborda a história do silêncio, história e literatura, memória da leitura, o apagamento da memória da contracultura, a ditadura militar como um novo tipo de censura, que o autor chama de “censura institucional”. (MEIHY, 1998, p. 91). Faz uma crítica à literatura do Brasil, e aponta um pouco do contexto histórico e econômico do período em que Carolina escreveu sua primeira obra.

---

<sup>6</sup> EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009

<sup>7</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus**: emblemas do silencio. REVISTA USP, SÃO PAULO (370: 82-91, MARÇO/MAIO, 1998.

Meihy enfatiza que a escrita de Carolina foi muito criticada pela crítica literária brasileira. Foi ela que “colocou todos os defeitos e cobranças que jamais poderiam ser aplicados a uma personagem como foi Carolina Maria de Jesus”. (MEIHY, 1998, p. 91). Enquanto Evaristo trabalha como Carolina é representado na literatura, Meihy aponta como a escritora teria sido silenciada dentro desse universo, seja pela sua linguagem, apagamento de sua memória ou pela ditadura militar.

Trabalhando em outra perspectiva, a pesquisa da doutora em literatura, Elzira Divina Perpétua<sup>8</sup> está voltada para a produção e recepção de *Quarto de despejo* de Carolina, as relações publicitárias, contextuais e editoriais. “Questiona as razões de êxodo de vendas do diário da escritora, avalia as condições de recepção do mesmo”. (PERPÉTUA, 2002, p. 33).

A pesquisadora enfatiza que “depois da pesquisa que fez acerca dos manuscritos de Quarto de despejo, confirmou a hipótese de que todos os processos que o texto passou o transformaram num outro texto”. (PERPÉTUA, 2002, p.37). Faz uma séria crítica ao jornalista Audálio Dantas pela forma como ele interferiu nos escritos de Carolina, como também ao critério seletivo do editor, esses fatores não deixaram de contribuir para a construção de uma escritora que está para, além disso.

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, antes de sua publicação passou por várias mudanças, foi escrito por Carolina, mas produzido pelo jornalista que preparou todo um cenário antes da publicação do livro. Esse livro foi muito bem recebido pela população que estava preocupada em conhecer a realidade da favela, não especificamente a literatura feita por sua autora.

Perpétua destaca que o contato com os manuscritos originais permitem entender como esse processo de interferência foi realizado. Foi publicado aquilo que o jornalista selecionou, não a escrita completa de Carolina que estava naqueles cadernos ou a escritora que estava ali, e o próprio Audálio Dantas no prefácio do livro mencionado anteriormente destaca que “A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos”. (DANTAS, 2014, s/p).

Uma discussão mais aprofundada a cerca da memória, autobiografia, diário íntimo e narração de vida, são alguns dos elementos trabalhados pela professora Germana Henrique

---

<sup>8</sup> PERPETÚA, Elzira Divina. **Produção e recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus: relações publicitárias, contextuais e editoriais.** EM TESE. Belo Horizonte, v.5, p. 33-42, dez. 2002.

Pereira de Sousa<sup>9</sup> na obra de Carolina em sua tese de doutorado defendida em 2004 pela Universidade de Brasília intitulada *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata*, lançada como livro em 2012. Para esse trabalho não foi analisada toda obra, apenas o capítulo nomeado como *Memória, autobiografia e diário íntimo, Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa de vida*.

A pesquisadora investiga a forma literária segundo a qual é composta a obra, o motivo pela qual a autora que escreveu seu diário íntimo passando pelas características da narrativa autobiográfico, memorialista e de testemunho foi rejeitada, e em seguida aponta alguns fatores que favoreceram essa rejeição, como “a linguagem fraturada, sua condição de descendentes de escravos, de semianalfabeta. Enfatiza que Carolina teve seu momento de fama, mas a história tratou de silenciar e colocou-o na contracultura de nossa literatura”. (SOUSA, 2004, p. 106).

Após analisarmos todo esse conjunto de trabalhos percebeu-se que mesmo seguindo caminhos teóricos diferentes os estudos analisados dialogam entre si, apresentam discussões semelhantes. Nesse trabalho a pesquisadora faz um apanhado geral a cerca da vida e obra da escritora, enfatizando a forma como ela problematizou a literatura e, por meio desse viés a sociedade, os fatores que interferiram para a rejeição da escrita de Carolina, aponta as mazelas sociais, políticas, e econômicas enfrentadas pela autora, assim como a efemeridade da fama e do sucesso vivido por ela.

Voltado mais para o período de formação cultural da escritora, o trabalho do professor Elio Chaves Flores<sup>10</sup> enfatiza a memória, as representações africanistas na escrita de Carolina. Seu trabalho está direcionado para a formação da escritora, suas memórias, destacando principalmente a importância do avô materno nessa trajetória de formação cultural.

Segundo Flores o avô de Carolina “exercia a função de griot, o contador e guardião da história dos negros locais advinda do tempo de escravidão e do período pós-abolição”. (FLORES, 2010, p. 19). Nesse início de formação a escritora teve contato diretamente com a cultura oral que é predominante na cultura africana, e como seu avô era filho de pessoas que

---

<sup>9</sup> SOUSA, Germana Henrique Pereira de. **Memória, autobiografia e diário íntimo**. In: Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata. Tese (Doutorado em Teoria Literária)- Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

<sup>10</sup> FLORES, Elio Chaves. **Palavras afiadas: memórias e representações africanistas na escrita de Carolina Maria de Jesus**. 2010.



vieram do continente africano e foram escravizados no Brasil, ele acaba adquirindo essa cultura da oralidade e assume um papel importante na vida da escritora.

Carolina teve contato com uma confluência cultural muito grande, quando ainda era criança e vivia em Sacramento. Além das ideias que circulavam naquele período pela cidade, os ensinamentos do avô perpassa por uma cultura brasileira rodeada de elementos da cultura africana, esse contato permitiu a escritora conhecer melhor a história de seus familiares, seus descendentes africanos que vieram nos navios no período escravocrata, e no meio dessa sociedade pós-abolição, Carolina iniciou seu processo de formação não apenas cultural, mas social, política.

Conhecer esse processo é fundamental no sentido de que nos permite entender melhor sua escrita, como ela foi construída, as influências que sofreu, as citações de alguns intelectuais como Rui Barbosa, Casemiro de Abreu, Castro Alves, as memórias do avô, e como tudo isso favoreceu a construção da escrita de Carolina e acompanhou toda sua trajetória.

Outro elemento fundamental colocado pelos estudos acadêmicos sobre a obra de Carolina é a importância da leitura e da escrita para a sua vida, essa temática é trabalhada pela professora Elisângela Aparecida Lopes<sup>11</sup>, que em seu trabalho destaca a importância dessas atividades para Carolina. Lopes apresenta e avalia em seu estudo a configuração da leitura e da escrita no diário Quarto de despejo, enfocando a condição étnica, social, feminina, cotidiano, a pobreza, a discriminação social que a autora enfrentava. Segundo a pesquisadora “escrever é uma prática constante, uma forma de desabafo”. Em síntese enfatiza que “Quarto de despejo é fruto de um processo duplo, leitura e escrita, dois vícios, duas faces de uma mesma moeda”. (LOPES, s/d).

A partir do momento que Carolina aprende a ler, a leitura ganha importância e passa a fazer parte da sua vida, isso mais tarde vai lhe proporcionar desenvolver a sua escrita, essas duas ferramentas são usadas pela escritora como uma forma para mostrar os problemas tanto sociais, políticos como econômicos que estavam presente a sua volta. Ler e escrever passou a desempenhar um papel significativo na vida de Carolina ao ponto que mesmo não obtendo um sucesso duradouro com o seu primeiro livro lançado, e pagando com seu dinheiro a publicação da segunda e terceira obra, ela não parou de escrever. Sua determinação mostra o

---

<sup>11</sup> Lopes, Elisângela Aparecida. **A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise de seu Quarto de despejo**. LITERAFRO.

quanto ela valorizava o conhecimento, e acreditava que era possível construir uma sociedade melhor.

No intuito de mostrar um pouco a cerca da vida de Carolina, a pesquisa desenvolvida por Fernanda Rodrigues de Miranda<sup>12</sup> está voltada para a escrita autobiográfica da autora (1914-1977), destacando os livros *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960); *Casa de Alvenaria: o diário de ex-favelada* (1961) e *Diário de Bitita* (1986). Miranda destaca que Carolina “inscreve na narrativa uma experiência pautada nos lugares de raça, gênero e classe que desloca o lugar comum do sujeito tradicional do discurso autobiográfico, fazendo emergir uma nova voz na literatura brasileira”. (MIRANDA, 2015, p.117).

A obra “Quarto de despejo” aparece como o livro mais analisado de Carolina, por sua escrita testemunhal acerca da favela e de como os favelados eram tratados pelos políticos e pela sociedade paulista. Mas não quer dizer que sua vasta bibliografia seja reduzida apenas a um livro, ao contrário, todo o processo vivido pela escritora até chegar a Canindé não deixa dúvida de que a escritora teve sua vida multifacetada. É de suma importância que sua bibliografia seja estudada, e a partir desse conhecimento mais aprofundado, a sociedade possa conhecer melhor as particularidades da sua escrita literária, suas conquistas e desafios, seu legado intelectual.

Diante do exposto é cabível dizer que o universo caroliniano está sendo aos poucos explorado, cada trabalho analisado aponta para uma discussão diferente, mas juntos possibilitam um debate mais abrangente a cerca da autora. Esses trabalhos ao mesmo tempo em que ajudam a preencher o silêncio existente em torno da figura intelectual de Carolina, eles ajudam a refletir também sobre a necessidade de mais estudos posteriores sobre o legado intelectual de Carolina, sobretudo, sobre a necessidade de um olhar mais atento a respeito de sua escrita intelectual, de modo a entender um pouco mais sobre os vínculos dessa escrita com o lugar social particular do onde Carolina falava, de sua condição de mulher, de negra, de “escritora favelada”.

O próximo capítulo do nosso trabalho será destinado a uma apreciação de uma parte das obras da escritora, no intuito de selecionarmos, em meio à escrita literária da autora, alguns elementos importantes dessa escrita para entendermos as particularidades de sua trajetória e produção intelectual. Na oportunidade, as obras da escritora serão analisadas

---

<sup>12</sup> MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **Carolina Maria de Jesus**: a morada da palavra. *Grau Zero-Revista de Crítica Cultural*, 3, n.1, 2015.

detalhadamente *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* que foi publicado em 1960, e *Casa de alvenaria: o diário de uma ex-favelada* publicada em 1996.

### 3. A ESCRITA DE CAROLINA DE JESUS: DO “QUARTO DE DESPEJO” PARA A “SALA DE VISITA”

Conforme o debate bibliográfico analisado no capítulo anterior evidenciou, a leitura e a escrita desempenham uma função de grande importância na vida de Carolina, e quando indagada a respeito do motivo que a levou a escrever, a escritora lança sua resposta enfatizando que, “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário”. (JESUS, 2014, p. 195).

Carolina encontrou na escrita uma forma para se expressar, falar e ser ouvida, mostrar para a sociedade a realidade da vida de uma favelada juntamente com os outros moradores que moravam naquele lugar. Usando um discurso realista, optou por escrever sua própria história, narrar nas páginas de seus cadernos sua luta diária, e ao fazer isso encontrou diversas dificuldades que impediam a concretização de seu sonho, que era escrever e publicar seus livros.

Para a pesquisadora Christiane Vieira Soares Toledo, vários obstáculos foram colocados para que Carolina não escrevesse, mas destaca que mesmo diante dos mesmos, ela não se calou, se apoderou da escrita para escrever sua obra que apresenta em seu conteúdo uma riqueza de informações. Segundo Toledo:

Apesar de muitas adversidades terem barrado o caminho dessa mulher, algumas delas teriam sido decisivas para que se afastasse das “letras”, – fome, moradia, instrução, ambiente inapropriado para a produção escrita, –, entretanto, nada fez com que ela desistisse do seu propósito. A escrita era como um elo entre o mundo de Carolina e o mundo letrado-burguês. Carolina se imortalizou através do seu texto, apresentando belas passagens líricas, de crítica social e consciência política. Assim comprovou sua existência diante da sociedade e do universo literário. (TOLEDO, 2010, p. 248-249).

Mesmo diante de tantas adversidades, como a autora enfatiza, Carolina não deixou de escrever, sonhava em ser poetisa, escritora, e foi talvez uma das mais importantes escritoras do país, compartilhou sua vida de maneira simples, mas crítica. Encontrou na escrita uma maneira de participar do mundo letrado da sociedade paulista da época, e assim deixou sua marca na literatura brasileira. De acordo com Toledo:

A originalidade foi o ponto mais alto da literatura que produziu. Não necessitava de mais nada, apenas da coragem para relatar todos os dias tristes da sua vida. Sua

qualidade de escrita não está no uso gramatical impecável, fator cobrado por muitos de seus críticos, mas sim, na sua visão de mundo avançada para a sua classe e época. Ainda hoje, ano em que comemoramos os cinquenta anos de publicação de *Quarto de despejo*, não sabemos dizer o que causou mais impacto nas suas narrativas, se fora a atitude ou a linguagem, sobretudo na obra inicial. Acredito que ambas se completam, pois Carolina pertenceu a um meio que a excluiu por ser letrada e apreciar as artes; e, ao mesmo tempo, não se encaixava na sociedade erudita pela sua história de vida, raça e audácia. Foi mulher de muita fibra, consciência racial, social. A partir da sua escrita levantou algumas bandeiras em prol das minorias, e isso se faz muito presente em seu texto. (TOLEDO, 2010, p. 249).

Carolina ao escrever sua própria história enfrenta sérios problemas, tanto na favela pelo fato de saber e escrever e abordar dentro de sua escrita o contexto que vivia, como na sociedade erudita por não aceitar sua condição de favelada, semianalfabeta, negra e pobre. Mas isso não foi o suficiente para que a escritora deixasse de escrever, sua audácia em escrever permitiu que grupos de pessoas consideradas inferiores tivesse acesso e participasse da construção literária do Brasil, destacando que a leitura e a escrita são ferramentas indispensáveis para a formação de uma sociedade igualitária.

Na tentativa de encontrar e trazer mais elementos que ajudam a entender a peculiaridade da relação de Carolina com a escrita literária, bem como das razões históricas de sua originalidade, colocaremos em análise, nesse capítulo, dois livros escritos pela autora: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*.

A escolha dos dois livros se deu pelo fato de que os dois apresentam elementos cruciais que nos ajudaram a compreender melhor como Carolina começou sua trajetória intelectual, e as dificuldades de afirmação no meio intelectual nacional, enfrentadas pela escritora ao longo dessa trajetória. Enquanto o primeiro remete ao início de sua carreira intelectual, sua inserção na literatura brasileira, sua rotina na favela. O outro remete ao sucesso do livro anterior e sua ascensão social, sua saída da favela e a mudança para a casa de alvenaria, mas por outro lado aborda a dificuldade dela de permanecer no meio intelectual tradicional, sua rejeição e luta pela conquista de espaço dentro do mesmo ambiente intelectual que antes tinha recebido o primeiro livro.

### **3.1 Quarto de despejo: diário de uma favelada**

O diário cujo primeiro volume publicado foi intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é uma edição resultado do trabalho realizado pelo jornalista Audálio Dantas. Publicada pela livraria e editora Francisco Alves em Agosto de 1960, essa edição cobriu os

períodos de vida de Carolina de 15 a 28 de Julho de 1955 e de 2 de Maio de 1958 a 1 de Janeiro de 1960.

No livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* Carolina descreve a vida e a luta dos moradores da favela do Canindé pela sobrevivência relata a realidade dos favelados no decorrer da década de 1950, a violência, a fome, a miséria, os costumes dos habitantes, as dificuldades enfrentadas pela falta de água encanada, energia elétrica de qualidade, saneamento básico, obtenção de comida, as doenças, as enchentes do Rio Tietê que afetava diretamente a favela, dentre outros problemas.

O texto de Carolina aborda um ambiente até então pouco conhecido e discutido no país que é a favela. No diário, a favela é descrita por quem vive lá e testemunha a miséria diariamente juntamente com aqueles que foram excluídos socialmente e jogados no quarto de despejo. A rotina de Carolina e dos outros moradores do quarto ganham vida nas linhas dos cadernos encontrados e recolhidos no lixo da cidade de São Paulo pela catadora de papel, surgindo assim mais tarde o livro *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*.

Carolina começa seu diário em 15 de julho de 1955 e, logo nas primeiras linhas, encontramos a indignação de uma mãe que não tem dinheiro para comprar um par de sapatos para dar de presente para sua filha no dia de seu aniversário. A solução encontrada foi um par de sapatos encontrados no lixo, assim como os outros objetos que foram vendidos para comprar alimentos, e esse problema vai acompanhar sua trajetória durante todo o diário, e não só em ocasiões importantes, mas em situações simples como comprar alimentos suficientes para saciar a sua fome e a de seus filhos. A fome se transforma em uma companheira fiel de Carolina e sua família, e a luta contra esse mal, faz da sua rotina uma busca constante por alimentos.

No dia seguinte, a rotina descrita por Carolina parece a mesma do dia anterior, busca água, prepara o café, vende o material recolhido no lixo anteriormente, compra alguns gêneros alimentícios e artigos de limpeza, depois sai para trabalhar. Ao voltar do seu trabalho a autora escreve em seu diário:

[...] Cheguei em casa, fiz almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendei-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os pssimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nevorsa interiormente, ai maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas, e lenha. [...]. (JESUS, 2014, p. 12).

Nesse trecho do diário a catadora fala a respeito das suas atividades e preocupações enquanto mãe que precisa cuidar dos filhos, garantir a segurança deles, isso se torna um desafio para ela no sentido de que os vizinhos, segundo relata ela em outras passagens, implicam com seus filhos quando ela está ausente. A indignação aparece no segundo momento, mesmo não concordando com a realidade que enfrenta, e não se sentindo bem, precisa trabalhar para garantir que todos tenham uma boa refeição no dia seguinte, isso faz com que Carolina recolha do lixo não só papel, mas ferros e latas que tinham um melhor valor comercial.

As páginas seguintes são preenchidas por atividades realizadas em sua casa na favela ou nas ruas da cidade de São Paulo, os aborrecimentos provocados pelos vizinhos, a busca por papel, debates relacionados a políticos, a falta de dinheiro, assim como os problemas enfrentados pelos favelados como as brigas entre os casais, o alcoolismo, a violência contra as mulheres, e a fome que mais uma vez faz parte do diário.

Carolina narra no texto que não gostava de morar na favela, e alimentada pelo sonho de um dia deixar aquele lugar escreve em seu diário, “[...] Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui.” (JESUS, 2014, p. 20). A escritora chama a atenção para o fato de que morar na favela não era uma opção para ela e seus companheiros, mas uma condição determinada pela sociedade, pelas classes, pelo Estado, que juntos determinam onde cada classe deve morar. Assim os mendigos, que antes moravam nas ruas da cidade, na sala de visita, agora são despejados na favela, e como não possuem um aparato financeiro que permitam sua saída daquele ambiente urbano decadente, continuam residindo na favela. Talvez sonhar tenha sido uma das formas encontrada pela moradora para continuar, da melhor maneira possível, sua trajetória de vida na favela, mas acreditando que poderia ser possível deixar aquele ambiente.

A escritora ficou quase três anos sem escrever nada no seu diário, não escreveu muitas palavras para justificar sua decisão, apenas ressaltou que era uma perda de tempo escrever um diário. Quando retoma a escrever seu diário em Maio de 1958, a rotina descrita continua a mesma relatada em Julho de 1955, sua realidade não mudou muito no decorrer desses anos, ou melhor, a realidade da favela do Canindé.

A página do diário escrita no dia três de Maio nos convida mais uma vez a entender como a fome estava presente no barracão de número 9º onde Carolina morava. A respeito desse dia a escritora escreveu poucas linhas, mas o pouco que escreveu apresenta a

insegurança alimentar enfrentado pela família. Isso não quer dizer que eles não tenham alguma coisa para comer, às vezes tem os alimentos, mas faltam os outros ingredientes para prepará-los e assim obter uma refeição de qualidade. Carolina escreve “Fui na feira da Rua Carlos de Campos, catar qualquer coisa. Ganhei bastante verdura. Mas ficou sem efeito, porque eu não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer.” (JESUS, 2014, p. 28).

A política também ganhou espaço nas linhas do diário. Foi debatida várias vezes em diferentes ocasiões por Carolina, que não esconde sua impaciência diante das dificuldades enfrentadas pelos favelados em decorrência da falta de uma política eficaz, que atuasse e mesmo não extinguindo a favela do Canindé, procurasse melhorar as condições tanto sociais, econômicas, políticas e culturais da população afetada pelo despejo ocorrido anos atrás. A escritora desabafou escrevendo “[...] O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos de Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforçar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto pelos políticos”. (JESUS, 2014, p. 33).

A incerteza de uma vida melhor faz com que Carolina mergulhe no seu presente e encontre no meio das turbulências em que vive um lugar pouco agradável para repousar futuramente, depois de uma vida conturbada como a sua. Quando se refere ao um leito em Campos de Jordão que na época era uma instância climática paulista, que era procurada para o tratamento de tuberculose, a autora talvez tenha feito um diagnóstico da sua própria vida, da sua saúde decorrente do contato com o lixo, e percebido que seu futuro estava longe daquele que sonhou para ela e seus filhos.

Carolina não se preocupou apenas com o seu futuro, mas com o futuro da favela, que segundo ela em períodos de campanha eleitoral era visitada por políticos importantes que prometiam fazer uma reforma no quarto de despejo e melhorar as condições de vida dos seus moradores, principalmente no que se refere ao congelamento dos preços dos alimentos. Mas quando passava a política, nada era feito, a favela era esquecida e só era visitada novamente depois dos quatros anos, quando começava de novo as companhas eleitorais.

Nos relatos sobre esses episódios, a autora expressa sua raiva diante dos políticos, que deveriam ajudar a saciar a fome dos seus eleitores. Refere-se aos políticos com um sentimento de revolta e encontra para cada um deles uma forma para exterminá-los, destacando assim seu posicionamento diante de uma política pouco preocupada com as classes baixas.



Os políticos citados nesse trecho do diário, na época ocupavam ou ocupariam cargos importantes na política na cidade de São Paulo. Jânio Quadros (1917-1992), foi vereador e deputado estadual por São Paulo, foi também prefeito e governador do Estado, antes de chegar a presidência da República em 1961. Ademar de Barros (1901-1960), político paulista, foi duas vezes governador do Estado. Juscelino Kubitschek (1902-1976) foi presidente da República entre 1956 e 1961.

Como Carolina sabia ler, ela lia para os moradores da favela as propostas defendidas pelos políticos que contava com o voto dos favelados. Defendia e apontava alguns caminhos que os políticos brasileiros deveriam seguir para mudar a realidade cruel de quem convive diariamente com a miséria, a fome. Enfatiza que “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora”. (JESUS, 2014, p.29).

No decorrer da leitura do diário encontramos a trajetória de uma mulher questionadora e inteligente, que registra sua forma de pensar no papel sem se preocupar com os problemas que ia enfrentar caso o diário fosse publicado, já que no mesmo os nomes dos seus vizinhos e suas histórias são colocados sem nenhuma abreviação, mas por outro lado isso mostra que seu objetivo era escrever, relatar a vida daqueles miseráveis invisíveis para a sociedade, e por meio da sua escrita torná pública a verdade marginal pouca conhecida até então. Carolina escreveu aquilo que a vida lhe ofereceu, utilizando argumentos precisos denunciou o que estava a sua volta.

Depois de residir tanto tempo na favela Carolina coloca no papel suas impressões diante de sua vida naquele lugar, e parece em algum momento da sua escrita ressaltar seu conformismo diante da situação que vive. Ao término de um dia bastante agitado, a escritora ao chegar em casa e realizar suas atividades domésticas, escreve em seu diário:

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014, p. 37).

Diante das palavras da autora é possível perceber como era precário o saneamento nas ruas da favela do Canindé, e diante de todos os outros problemas enfrentados pela catadora de papel, chegar a casa e conviver com o cheiro desagradável proporcionado pelas fezes dos próprios moradores, desencadeia um estado de rebeldia na moradora que vive em dois ambientes diferentes. Quando está nas ruas da cidade sua imaginação ganha vida, a

cidade se transforma em uma sala de visita decorada e mobiliada, e caminhar por essa sala mesmo que seja carregando sacos de papéis e outros objetos como Carolina faz quase todos os dias de sua vida, a cidade lhe proporciona sonhar com uma vida melhor, enquanto o ambiente da favela lhe permite reconhecer sua condição social e econômica, sua própria realidade.

A vida de Carolina nem sempre era acompanhada pela tristeza, pela fome. Às vezes ao levantar, antes de começar sua rotina gostava de admirar o sol, cantar mais os seus filhos, como ressalta “[...] A Vera despertou e cantou. E convidou-me para cantar. Cantamos. O João e o José Carlos tomaram parte”. (JESUS, 2014, p. 37). Observar as mudanças do tempo em cada estação do ano, contemplar as flores dos jardins da cidade, a luta das suas vizinhas na busca por agasalhos para seus filhos no período chuvosos, a chegada de novas famílias na favela, suas mudanças de comportamento decorrente do ambiente que os transformavam em objetos repugnantes, mal educados. Isso mostra que a escritora não registrava em seu diário apenas as mazelas vivida por ela, mas todo um conjunto de acontecimentos que aos poucos vão engendrando a concretização de sua trajetória no “quarto de despejo” e futuramente sua saída desse quarto para a sala de visitas.

Antes de escrever e publicar o seu primeiro diário Carolina escrevia peças teatrais e tentava apresentá-las para diretores de circos na esperança de que eles as aceitassem, mas parece que isso se tornava impossível pelo fato de Carolina ser negra, isso ela deixa claro quando escreve em 16 de Julho de 1958 no seu diário:

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:  
- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 64).

Diante da situação é possível entender que a trajetória de Carolina para se tornar uma escritora começou antes do seu encontro com o jornalista Audálio Dantas. Seja por meio de peças teatrais que apresentavam para os diretores de circos em São Paulo, ou por meio do Correio para enviar seus cadernos para os Estados Unidos para serem publicados. Mas não foi possível realizar seu “sonho” naquele momento, a cor incomodava de um lado e devolução dos cadernos enviados para o exterior do outro. Mas para ela sua “cor” não era incômodo, pelo contrário assume que gosta da cor da sua pele e do seu cabelo, faz uma comparação entre

o cabelo do negro e do branco na tentativa talvez de dizer que todos possuem suas particularidades, e esses traços são importantes para representar a identidade de cada indivíduo.

O diário de Carolina começou incomodar algumas pessoas, principalmente o pai de sua filha que pediu para ela não citar seu nome, era uma pessoa importante e ter seu nome colocado em um diário escrito por uma favelada não seria bom para a sua imagem. Mas além do pai de Vera, outras pessoas também pediram para a catadora retirar o seu nome do diário, e ficar atenta com o que escrevia para não complicar sua vida depois. Acerca da situação a escritora destaca o que escrevia enfatizando que “[...] Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade.” (JESUS, 2014, p. 108).

Escrever a realidade de um ambiente como a favela ou os acontecimentos da sala de visita se tornou uma rotina perigosa para a escritora, denunciar aquela zona de conflitos não era uma atividade muito aceitável pelos favelados que sabiam que o diário, por mais cruel que fosse os relatos que se encontravam em suas páginas, um dia poderia se tornar uma mercadoria comercializada, uma vida transformada em literatura. Mesmo no meio do caos Carolina não se intimidou, não seguiu conselhos, escreveu uma história crítica que comove o leitor pelo realismo e sensibilidade na forma de contar o que viu e viveu durante os anos que morou no quarto de despejo.

A vida de Carolina no “quarto de despejo” não era fácil. Em uma das últimas páginas do seu diário, a escritora faz um apanhado da sua trajetória de vida, e desabafando a respeito dos longos anos que já residia no quarto de despejo da cidade de São Paulo, escreve “[...] A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro”. (JESUS, 2014, p. 167).

Aqui Carolina faz uma analogia direta entre vida real e a ficção. Entre sua própria experiência pessoal na favela e a relação dessa experiência com o livro, com a escrita, com o ato de escrever. A vida real, assim como o livro, nas palavras da escritora envolve um mundo de incertezas e mistérios que precisam ser compreendidos. Desse modo, escrever para a escritora é mais do que um esforço de narrar sua rotina, ou a rotina de muitos a sua volta.

Escrever para Carolina é também um ato de redenção e tentativa de melhor compreensão da realidade. Uma realidade que é social.

E nesse sentido, faz uma analogia entre sua condição étnica, sua condição de mulher negra, com essa realidade afugentadora. Mas não para dizer que o “preto” é ruim como uma rápida análise poderia sugerir. A cor da sua pele e a realidade teriam em comum o vínculo sutil de sofrimento que marcam essas vivências que seu diário procura registrar.

Ao ler o livro *Quarto de despejo: o diário de uma favelada* é possível compreender o motivo que levou Carolina a escolher a cor preta para se referir a tudo a sua volta, inclusive a sua própria vida. A repetição da rotina favelada às vezes parece exaustiva, mas quando o leitor termina de ler a obra percebe que essa rotina é o que mantém em movimento a vida na favela. A luta pela vida se torna um desafio em um país que está passando por grandes desenvolvimentos e crescimento nacional devido às propostas do então presidente da República, Juscelino Kubitschek que defendia a ideia de buscar desenvolver o Brasil em pouco tempo. Mas diante do contexto de crescimento do Brasil, a favela do Canindé representa a contradição do desenvolvimento econômico, estrutural e social.

Notou-se que para Carolina, escrever foi uma forma de enfrentar seus próprios problemas, desabafar acerca da sua realidade na favela, principalmente a respeito da fome que vai lhe acompanhar por diversas vezes e ganhar espaço dentro de sua escrita.

Depois de mais de cinco décadas de publicação, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* continua uma obra atemporal, a cidade cresceu, a favela do Canindé foi extinta, mas os quartos de despejos continuam explodindo pelo país, a realidade de quem vive na miséria não mudou muito, talvez mudaram apenas os nomes das favelas. O livro que na década de sessenta foi lido por milhares de pessoas pelo Brasil afora, continua oferecendo um arcabouço de conhecimento a cerca da favela, da realidade do país em um período não muito distante, mas pouco conhecido e estudado, que guarda em seu contexto histórico elementos importantes que podemos utilizá-los para conhecermos a realidade dos “quartos de despejos” espalhados pelo país.

### **3. 2 Casa de Alvenaria: o diário de uma ex-favelada**

O segundo diário de Carolina foi publicado em Novembro de 1961 pela mesma editora que publicou o primeiro livro, e através do mesmo editor, o jornalista Audálio Dantas.

*Casa de alvenaria* nasce no dia 05 de Maio de 1960 e é finalizado em 21 de Maio de 1961. Diferente de *Quarto de despejo* narra as experiências da autora no seu convívio com a elite de São Paulo, seus novos vizinhos do Bairro nobre de Santana onde ela e seus filhos foram morar depois do sucesso de vendas do primeiro livro.

Carolina começa a escrever seu segundo diário quando assina o contrato com a editora para a publicação de *Quarto de despejo*, e a partir dessa parceria a vida da “catadora” começa a mudar literalmente. É a última vez que encontraremos Carolina reclamando da fome que até aqui lhe acompanhava. Nas primeiras linhas ela narra que antes de assinar o contrato não fazia café da manhã por falta de açúcar e dinheiro para comprar pão, e no final do dia termina descrevendo os ganhos do dia, inclusive o valor que recebeu adiantado pela assinatura do contrato, dinheiro esse que ela utiliza em primeiro plano para levar os seus filhos em um restaurante para jantar. A autora que antes sempre reclamava pela falta de comida quando morava na favela, agora vai enfrentar outros problemas decorrentes do sucesso de vendas do seu livro na sala de visitas.

Na apresentação feita por Audálio Dantas para *Casa de alvenaria* intitulada “História de uma ascensão social”, ele enfatiza que:

**Casa de Alvenaria** é, na forma, o mesmo que o **diário** escrito na favela do Canindé; a essência, é coisa bem diferente; é um depoimento, também, mas sobre outro mundo – o mundo de alvenaria que foi sonho e conquista de Carolina. **Casa de Alvenaria** é depoimento tão importante quanto “Quarto de despejo”, mesmo sem o tom dramático da miséria favelada. Em certos aspectos, é um livro mais fascinante, porque nêle há um pouco de alegria, há o deslumbramento da descoberta, há a felicidade do estômago satisfeito, há a perplexidade diante de pessoas e coisas **diferentes** e uma amarga constatação: a miséria existe também **na alvenaria**, em formas as mais diversas. (DANTAS, 1961, s/p. Ênfases do original).

Audálio faz uma comparação entre os dois diários, mas não deixa de apontar alguns elementos que são característicos de cada um, isso é encontrado durante todo o prefácio do livro. O livro anterior falava sobre o mundo da favela e seus habitantes e agora o segundo livro fala de um mundo bem diferente, aonde o leitor não vai mais encontrar em suas páginas as angústias de uma mãe a procura de comida no lixo, mas uma mãe que vai a feira não para catar os restos, mas comprar comida, uma realidade até então não vivenciada pela moradora da favela que agora reside “na casa de alvenaria”.

*Casa de alvenaria* não apresenta em seu contexto a mesma miséria que encontramos no primeiro diário, a fome não ganha espaço nesses escritos de Carolina, assim como todos os

outros problemas enfrentados por ela na favela. A trajetória da escritora nesse novo mundo é rodeada por novas descobertas, o dia-a-dia da sua vida assume outra dimensão, deixam de ser sempre igual, sua rotina é determinada por atividades novas que agora vão dizer como é a sua vida aqui na sala de visitas, e é isso que ela conta no seu diário.

Mesmo não apresentando em seu contexto as descrições drásticas da vida na favela, *Casa de alvenaria* procura mostrar que a vida da escritora, seja na favela ou no Bairro nobre de Santana é cercada por alegrias e tristezas. Agora Carolina não é mais aborrecida por seus vizinhos que consomem bebidas alcoólicas ou fazem batucadas e brigas nas ruas da favela, mas por pessoas que incomoda ela para pedirem diversos tipos de favores, desde emprego em alguma emissora de TV até dinheiro emprestado para comprar casa ou uma lista de ferramentas apropriadas para o trabalho de marcenaria.

Na visão de algumas pessoas Carolina tinha adquirido muito dinheiro com a venda do livro Quarto de despejo, mas esqueciam de que ela tinha uma família para cuidar, e toda essa confusão acabava impedindo a escritora de fazer o que mais gostava que era ler e escrever. Casa de alvenaria mostra uma trajetória cheia de contraste relatada em um lugar que Carolina sempre ambicionou para viver.

A assinatura do contrato com a Livraria Francisco Alves é vista pela autora como uma porta de entrada para a sua ascensão social, e sabia que aquele mérito ela tinha atingido vivendo em péssimas condições de vida, isso fazia dela uma “escritora improvável” como disse Joel Rufino dos Santos. Carolina escrevia e via em seus escritos uma oportunidade para melhorar de vida e conseqüentemente sair da favela. Ela registra em seu diário no dia 08 de Maio de 1960 sua estabilidade financeira que agora lhe permite ir ao açougue para comprar carne e escolher qual tipo de carne comprar e ao fazer isso a autora escreve um fragmento do diálogo que teve com o açougueiro e destaca:

-O senhor dizia que eu escrevo e não ganho nem para comer. Graças a Deus eu vou receber 150 mil cruzeiros por um livro e hei de ter o que comer.  
Escolhi outro pedaço de carne. Paguei 70 cruzeiros. Pensei no reporter, o homem que emparelhou-se comigo na hora mais critica da minha vida. Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela. Cheguei no emporio e comprei tomates, o querosene e ovos e pão.(...) Fui preparar o almoço. Fiz molho de tomate para o ravioli e pus muito queijo. Os meninos comeram e gostaram. E gritaram – Viva!. (JESUS, 1961, p. 17).

Nessa passagem percebemos o esforço da escritora para mostrar como sua vida financeira havia mudado, ela não perde a oportunidade de falar do seu sucesso enquanto

escritora para as pessoas, da sua alegria de ter dinheiro para comprar o que comer, da sua condição que agora permite ser ouvida, e aos poucos vista como uma escritora.

Carolina ao ressaltar que não é, mais “uma negra suja da favela” não quer dizer que ela já saiu da favela, fato que só vai acontecer mais tarde, mas pelo fato de agora ter dinheiro para comprar roupas novas, sabão para lavar suas roupas e limpar seu barracão. Antes a situação era diferente como a própria autora enfatiza em outras passagens do primeiro diário, a casa e sua roupa estavam em condições deploráveis de sujeiras por falta de sabão e dinheiro para comprar, pois o que ela conseguia com as vendas dos objetos recolhidos do lixo não dava para comprar tudo que necessitava.

A ajuda do repórter foi fundamental para que seu livro fosse publicado. Ela agradece o trabalho do mesmo, mas em alguns trechos do diário encontramos uma mulher revoltada com as opiniões do jornalismo que, segundo ela, queria controlar sua vida, quer ser seu dono. Assim o jornalista as vezes é citado como anjo protetor e depois como um controlador que não lhe deixa fazer o que quer com o seu dinheiro. Mas Audálio no prefácio do livro resalta que fazia o que era melhor para a autora que as vezes era vítima de pessoas que aproveitava da situação de Carolina para lhe pedir dinheiro. Segundo ele “[...] preciso dizer que tudo que fiz para evitar êsse envolvimento, mas não conseguir [...]. Diziam-lhe que eu estava querendo ser seu “dono.” (DANTAS, 1961, s/p).

Carolina começou a ser convidada para participar de programas de televisão e dar entrevistas para vários jornais antes mesmo da publicação do seu livro. Ela enfatiza que até um professor veio com seus alunos à favela para lhe conhecer. Foi convidada também para ir ao Teatro da Escola de Medicina assistir um espetáculo em comemoração ao dia da Abolição da escravidão. Nessa ocasião ela assistiu a uma peça e conheceu o poeta Solano Trindade, que ao subir no palco do teatro falou sobre o preconceito racial na África de sul e da condição dos negros dos Estados Unidos da América.

Ao terminar a palestra o poeta convidou Carolina para o palco onde foi aplaudida e depois a apresentava a várias pessoas que fazia parte da plateia. Acredito que a atitude de Solano foi importante para a escritora no sentido de que Carolina estava naquele momento sendo lançada no mercado como escritora pelos jornais e programas de televisões de emissoras diferentes. Participar de um evento dessa proporção dava mais visibilidade para o trabalho da escritora, como um conhecimento mais abrangente acerca da favela do Canindé para os participantes do evento.

Diante de uma nova realidade Carolina escreve em seu diário o quanto está feliz e desabafa dizendo que “(...) A tristeza estava residindo comigo há muito tempo. Veio sem convite. Agora a tristeza partiu, porque a alegria chegou. Para onde será que foi a tristeza? Deve estar alojada num barraco da favela.” (JESUS, 1961, p. 22). Carolina escreve essa passagem quando vai à cidade com seus filhos e acompanhada de um repórter que a leva até uma livraria e a ajuda a escolher os livros que ela ganhou da livraria. Nesse momento de sua trajetória ela percebe que nada do que fazia agora, fazia antes e isso faz com que ela contemple seu estado de felicidade e mesmo ainda morando na favela, ela remete a tristeza da sua vida àquele lugar, na certeza de que a sua morada naquele lugar seria por pouco tempo, já que iria se mudar futuramente para uma casa de alvenaria.

Nas páginas seguintes Carolina descreve todo o processo para a publicação e lançamento do livro como as ilustrações, o prefácio, o dia do lançamento, os slogans que seriam usados nas vitrines na loja, as entrevistas em canais de televisão e jornais que focavam a respeito do assunto do livro e seu lançamento no mercado. Enfim, criou-se uma expectativa muito grande quanto ao sucesso do livro que teria sido escrito por uma favelada. O livro ficou pronto em 13 de Agosto e Carolina ao ser informada pelo jornalista que acompanhou todo o processo, ficou surpresa e, ao pegar o livro, ressalta o que fez “li o meu nome na capa do livro. Carolina Maria de Jesus. Diário de uma favelada. QUARTO DE DESPEJO Fiquei emocionada.” (JESUS, 1961, p. 33).

A partir do lançamento do livro em 18 de Agosto e com o dinheiro recebido pelo pagamento dos direitos autorais do livro e sua venda que, aliás, foi recorde de vendas por vários dias, a trajetória de Carolina mudaria. Carolina sempre desejou sair da favela e no dia 30 de Agosto ela escreve em seu diário “Até que enfim deixo este recanto maldito. Não vou incluir a saudade na minha bagagem” (JESUS 1961, p. 45). Ela sai da favela vaiada e debaixo de pedras jogadas pelos seus antigos vizinhos, tudo foi documentado pela imprensa que acompanhava e retrata a saída de Carolina para a sala de visitas de São Paulo.

Ela muda com seus filhos primeiramente para a casa do senhor Antônio Soeiro Cabral em Osasco, onde permanecerá até o final do ano de 1960, e no dia 24 de dezembro se muda para outra casa em Santana, essa última foi comprada por ela. Ao chegar a Osasco ela escreve: “Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita” (JESUS, 1961, p. 48).



A vida de Carolina na sala de visitas é bastante movimentada e a maior parte dos escritos que se sucedem ao lançamento do livro está voltada para a narrativa de experiência da autora agora ex-favelada em seu auge de popularidade. A respeito dessa nova agenda de compromisso da escritora a pesquisadora Fernanda Rodrigues de Miranda destaca que a rotina de Carolina era repleta de:

Viagens da região sul a nordeste do Brasil, ao Uruguai e à Argentina, para dar palestras; idas a programas de televisão; entrevistas no rádio; participação em debates com políticos, artistas, universitários, militantes; festas com pessoas ilustres; eventos filantrópicos; estadias em hotéis. [...]. (MIRANDA, 2013, p. 124).

Essa nova agenda alterou positivamente a rotina de Carolina, os diversos compromissos que agora se desenrolam em sua vida são bem diferentes daqueles encontrados em Quarto de despejo. Carolina tem a possibilidade de conhecer o Brasil e outros países da América do Sul e a partir de suas viagens ela vai fazendo suas observações de tudo a sua volta e vai relatando em seu diário, e não são raras as vezes que ela crítica o Brasil pela sua imensa quantidade de terra sem nenhum tipo de cultivo, fica revoltada com a situação e desabafa dizendo que essas terras deveriam ser distribuídas para as pessoas carentes como os favelados, e assim as favelas seria extinta do país.

Carolina comenta que gostava de ser reconhecida por onde passava como nas ruas, no ônibus, no avião durante as viagens, por pessoas comuns, seus leitores e importantes políticos e celebridades. Também recebeu, além de reconhecimento por parte das pessoas, um diploma de membro honorário da Academia de Letras, diploma esse que estava reservado para o escritor Jean Paul Sartre, mas por causa dos compromissos que o escritor francês tinha não foi possível comparecer para receber o diploma, e diante da situação resolveram entregar para Carolina que, ao receber o diploma o presidente da Academia, ressaltou que “- A França tem Sartre, nós temos a Carolina!” (JESUS, 1961, p. 55). Um acontecimento histórico e de grande importância para a carreira de Carolina, essa atitude mostra que a autora estava começando a fazer parte da sociedade letrada de São Paulo.

A nova vida de Carolina não foi totalmente fácil na casa de alvenaria. Parece que a autora encontrava dificuldade para se habituar a sua realidade, de conviver com seus novos vizinhos ou a encontrar o seu lugar naquele espaço, numa passagem ela chegar a escrever “Eu ainda não habituei com este povo da sala de visita – uma sala que estou procurando um lugar para sentar.” (JESUS, 1961, p. 66). Carolina aos poucos encontra seu lugar na sala de visitas, mas esse lugar lhe reserva muitas surpresas e ao passar dos dias a autora tem sua vida

modificada, seu cotidiano gira em torno de todos os compromissos que tem para cumprir. Diante desse redemoinho a narradora desabafa em seu diário “Eu estava exausta. Já saturada desses convites faustosos”. (JESUS, 1961, p. 152).

Em Casa de Alvenaria além de falar sobre a repercussão de Quarto de despejo, a narradora dedica longas passagens do seu diário para contar os encontros com lideranças políticas, jornalistas e artistas negros. Analisa vigorosamente a problemática dos conflitos raciais, do preconceito e da sua própria ascensão social. Fala sobre a fome que embora esteja ausente fisicamente da vida da autora, mas está presente na maior parte do período que escreveu o diário. Através da memória ela constantemente narra a respeito da fome nos tempos que morava na favela.

Nesse livro a autora salienta sua trajetória de vida de empregada doméstica a catadora de papel que depois se transforma na escritora admirada pelas pessoas e celebridades do mundo social e artístico. Enfatiza o que a literatura até o momento foi capaz de lhe proporcionar nos diversos sentidos da sua vida. Acredito que esse pequeno fragmento é de fundamental importância para a compreensão das mudanças no mundo da escritora agora ex-favelada acarretada pela leitura e pela escrita.

Eu consegui enriquecer com o meu livro. O meu livro foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa. Os meus sonhos estão concretizando. Eu desejava uma casa de alvenaria. Consegui. O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha. Tem hora que tenho vontade de dar um grito para ser ouvido no Universo:

Viva meu livro!

Viva os meus dois anos de grupo escolar!

E viva os livros, porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus. (JESUS, 1961, p. 123).

Ao ser lançado, Casa de Alvenaria não obteve muito sucesso, parece que a publicação desse diário começa a demarcar o início de encerramento do sucesso e exposição da autora que vivenciava desde a primeira reportagem publicada por Audálio Dantas em 1958. Segundo Miranda a carreira de sucesso da escritora nesse momento começa a mudar “Longe dos holofotes, realizado o desejo de adquirir um pedaço de terra para si, Carolina Maria de Jesus passa a dedicar-se a escrita de suas memórias de infância e juventude”. (MIRANDA, 2013, p. 134-135). Talvez esse acontecimento foi o percussor de toda uma carreira que embora não foi conhecida ou pouca valorizada no decorrer de sua vida, nos

últimos anos vem ganhando destaque e conquistando seu espaço, e talvez hoje ainda continue sendo um dos livros mais conhecidos e estudado da autora.

Em “casa de alvenaria”, ao falar das mudanças que teriam ocorrido em sua vida, a partir da inserção de Carolina no universo literário nacional, observamos que o livro nos permite refletir não só sobre o quanto a vida autora teria se modificado ao conquistar reconhecimento como escritora. Seu texto abre espaço igualmente para uma reflexão mais aprofundada sobre o processo de autoafirmação de um escritor no meio intelectual nacional, das dinâmicas e parâmetros que orientam o funcionamento desse mundo particular.

Mecanismos esses que orientam as escolhas de quem merece fazer parte do rol literário nacional, e daqueles que, por outro lado, acabam sendo relegados ao mural do “esquecimento”. Os dois livros de Carolina estudados nesse capítulo, são exemplos destes dois destinos diferenciados, mas que, paradoxalmente, sobream a trajetória intelectual em questão.

É importante pontuar que foi a escrita da “sofrida” rotina na favela o que chamou a atenção dos críticos e a projeção de Carolina no Meio Literário. Porém, com a mudança social, Carolina também alterou seu foco de observação da realidade e fez disso seu novo projeto literário. Talvez isso tenha ido de encontro com o interesse do público e dos críticos, adeptos da imagem da “escritora favelada” que Carolina originalmente parecia representar. Uma imagem cristalizadora, que parece ter comprometido a continuidade da escritora no meio intelectual, depois de seu segundo livro. Um livro que retirou Carolina da favela e a colocou na “Casa de Alvenaria”.

A escrita encontrada em cada obra não deixa dúvida de sua veracidade. Suas obras não se encaixam em um único gênero, e a forma como escreve cada uma demonstra que ela sabia qual a finalidade de sua escrita e para quem escrevia. Sua criatividade ao usar cada palavra faz com que sua escrita seja mais contundente, e seu itinerário literário ganhe mais originalidade, espaço dentro do contexto literário brasileiro.

Mesmo conquistando aos poucos o seu espaço, a escrita de Carolina rompe com muitos obstáculos impostos ou determinados pela sociedade no sentido de que, para escrever algo, precisa de um lugar tranquilo, formação acadêmica, boa alimentação, um espaço que possa oferecer todos os elementos essenciais para que alguma coisa seja produzida, e o mundo onde a escritora escreveu seus manuscritos com ênfase para o primeiro livro lançado não se encontram nenhum desses elementos, pelo contrário, o contexto tanto social como

econômico que Carolina vivia era bastante conturbado, conflituoso, mas foi nesse espaço que a escritora produziu parte de seu legado intelectual.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado acerca da trajetória intelectual da escritora Carolina Maria de Jesus na sociedade brasileira nos meados do século XX, observamos que a escritora, para ser reconhecida como uma intelectual, enfrentou diversas situações que ainda permeiam a sociedade que conviveu com décadas de escravidão e ainda não superou os problemas que surgiram no cenário brasileiro pós-escravidão, como o racismo, a discriminação e o preconceito.

No Brasil a construção do ser negro intelectual perpassa por inúmeros desafios e, ao estudar as narrativas da escritora, na qual ela narra sua própria trajetória de vida, foi possível perceber que Carolina se constituiu uma intelectual enquanto lutava, estudava, produzia suas obras, peças teatrais, atuava em palcos, compunha música, desenvolvia suas capacidades de produzir literatura, pensamento, e criar artes.

Durante esse processo de construção a autora confrontou questões relacionadas a sua condição de origem social, por ser uma pessoa de classe baixa e morar na favela, um ambiente visto por muitas pessoas como um lugar próprio para o surgimento de traficantes, prostitutas, ladrões, e desse meio não há possibilidade de surgir uma escritora ou escritor, mas essa realidade carregada de estereótipos dificultam ainda mais o reconhecimento dos intelectuais que surgem das favelas, periferias, lugares que estão à margem da sociedade. E foi justamente nesse ambiente complexo e conturbado que Carolina iniciou sua trajetória intelectual.

Carolina também conviveu com o racismo referente a sua condição de negra e mulher, foi rejeitada por causa da sua formação escolar e profissional pelo fato da escritora ter estudado apenas dois anos e ser uma catadora de papel e materiais recicláveis, por ser mãe solteira de três filhos, por sua escrita apresentar alguns erros ortográficos. Esse conjunto de elementos foram favorável para que hoje pouco se conheça a respeito de uma escritora que na década de 1960 implementou na literatura brasileira algo novo, e até então pouco produzido no Brasil, que são as obras de cunho testemunhal e memoriasta.

O estudo em torno da trajetória intelectual de Carolina que começou em Sacramento no contato com sua família, na escola e depois percorreu várias cidades até chegar na cidade de São Paulo, passou pela favela do Canindé, e depois retorna para a cidade de São Paulo novamente, nos permitiu entender que os dilemas e desafios que a escritora teve que superar mostra o quanto o universo cultural e intelectual nacional dificulta a construção e propagação

do conhecimento no país. Já esse universo é composto por uma minoria que, usando regras determinam quem vai participar desse meio, e como a escritora pesquisada não apresentava nenhum dos requisitos exigidos como, condição financeira estável, pele branca, uma formação superior, alto domínio da língua culta, não atendeu as normas exigidas pelo padrão literário brasileiro. Por isso dificilmente você vai encontrar fragmentos de suas obras nos currículos escolares como acontece com outros escritores e escritoras do Brasil.

Essa realidade pode mudar devido ao estudo de muitos pesquisadores e pesquisadoras que acreditam que as obras de Carolina Maria de Jesus tem o mesmo teor de importância que as demais obras literárias produzidas no país. O que precisa ser levado em consideração é o papel que cada obra vai desempenhar na construção de uma sociedade mais crítica, melhor, onde a igualdade prevaleça, e os intelectuais brasileiros possam ser reconhecidos independentemente de sua cor, condição de gênero, financeira, política, religiosa, formação escolar e profissional, morar na cidade, na favela, na periferia, dentre outros.

A trajetória intelectual de Carolina é marcada por contradições. Em um momento ela é reconhecida enquanto escritora, ganha fama, sucesso, mas tudo aconteceu muito rápido, e acredito que todo esse processo de reconhecimento eufórico se deu por conta das pessoas que interferiam diretamente para que os livros fossem publicados. Nesse caso surge o editor que vai fazer toda uma propaganda usando como lema a favelada que escreveu um livro, isso chama a atenção das pessoas que assistiam as reportagens realizadas com a escritora antes mesmo da publicação de seu primeiro livro, e quando o livro é lançado todos querem ler aquela história e o livro faz muito sucesso.

No segundo momento, após o lançamento do seguinte livro, sua estabilidade financeira começa a entrar em decadência. Depois, Carolina começa a ser esquecida e o final de sua trajetória de vida é marcado pelo esquecimento e abandono. Mesmo diante de todos os desafios apontados Carolina não desistiu de realizar seu projeto de ser uma escritora, teceu sua própria teia, deixou sua marca na literatura brasileira e depois de muito tempo guardados seus livros começam a circular novamente e ganhar visibilidade no meio acadêmico e consequentemente em toda a sociedade.

Assim, ao retomar alguns elementos que demarcam esse processo de silenciamento da escritora, bem como sobre sua mais recente retomada acreditamos não apenas ter mostrado sobre a dificuldade de uma mulher, negra, semianalfabeta e “favelada” se firmar como

intelectual no Brasil, mas, sobretudo, para mostrar como essas experiências particulares, da qual Carolina de Jesus parece ser uma legítima representante, constituem uma oportunidade rica para repensar certos aspectos da realidade sócio-cultural do país, dos problemas sociais, étnicos e de gênero, e de como esses problemas se relacionam com o ato de narrar e escrever, com a arte de uma forma geral, e com a literatura de modo mais particular. Enfim, de uma melhor compreensão das tensões históricas e culturais que fazem parte do processo de constituição daquilo que entendemos em um dado momento como um legítimo “intelectual”.

## REFERÊNCIAS

### Livros de Carolina de Jesus

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. – 10. Ed.- São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. EDITORA AQUILA LTDA. São Paulo, Brasil, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Onde estaes Felicidade?**. (Org).Dinha e Fernanda Fernandez.- São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia pessoal**. (Org) José Carlos Sebe Bom Meihy. – Editora UFRJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

### Bibliografia geral

ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus**: projeto literário e edição crítica de um romance inédito. Tese (Doutorado). – Belo Horizonte, 2015.

BOURDEIU, Pierre. L'illusion biographique. Actes de la Recherche in Socieles (62/63): 69-72, juin 1986.

CARVALHO, José Murilo de. **História intelectual no Brasil**: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, n° 1, pp. 123-152. Disponível em <<http://www.revistatopoi.org/numerosanteriores/Topoi01/01artigo03.pdf>>. Acessado em 04/01/2016.

CAROLINA Maria de Jesus- filha fala sobre vida e obra da escritora. São Paulo. TVT. 2014. 1 vídeo digital. (4min. 05s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qRjDmmWAFEo>>. Acessado em 08 de Junho de 2016.

CAROLINA Maria de Jesus, fenômeno editorial no início dos anos 1960. São Paulo. Jornal Futura-Canal Futura. S/D. 1 vídeo digital. (5min. 55s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PucTtvFtDBA>>. Acessado em 08 de Junho de 2016.



CAROLINA Maria de Jesus. São Paulo. Fala jovem, Doutor, UNIVESP TV. S/D. 1 vídeo digital. (28min. 38s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y84aYRfYGVw>>. Acessado em 08 de Junho de 2016.

CAROLINA de Jesus. Parte 1. Rio Grande do Sul. Nação-TVE. 2015. 1 vídeo digital. (25min. 40s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E5V8SvEN2II>>. Acessado em 08 de Junho de 2016.

CAROLINA de Jesus. Parte 2. Rio Grande do Sul. Nação-TVE. 2015. 1 vídeo digital. (27min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EDYxWzhlFfw>>. Acessado em 08 de Junho de 2016.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico.** Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008.

DANTAS, Audálio. **A atualidade do mundo de Carolina.** In: Quarto de Despejo: diário de uma favelada. JESUS, Carolina Maria de. São Paulo: Ática, 2014.

DANTAS, Audálio. **Casa de Alvenaria - história de uma ascensão social.** In: Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada. JESUS, Carolina Maria de. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v.13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Cartografando uma literatura menor: a poética dos resíduos de Carolina Maria de Jesus.** UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.1, 2006 p. 201

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira.** Estud. av. vol.18 no. 50 São Paulo Jan./Apr. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017)>. Acessado em 08/02/2016.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Carolina Maria de Jesus - a voz dos não têm a palavra.** Templo Cultural Delfos, maio/2014. Disponível no link <<http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolinamariadejesus.html>>. Acessado 04/03/2016.

FLORES, Elio Chaves. **Palavras afiadas: memórias e representações africanistas na escrita de Carolina Maria de Jesus.** CLIO: o conhecimento compartilhado!, n. 28.1 (2010). Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/view/98>>. Acessado em 24/03/2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2003.

HOMENAGEM ao centenário de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro. IMS (instituto Moreira Sales). 2014. 1 vídeo digital. (1h. 8min). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=yaXeesG6C5o&t=117s>>. Acessado em 08 de Junho de 2016.

KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa: guia prático** / Fabiana Kauark, Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros. – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LOPES, Elisângela Aparecida. **A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu *Quarto de despejo***. LITERAFRO [www.letras.ufmg.br/literafro](http://www.letras.ufmg.br/literafro). Disponível em <<http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/40/carolinacritica02.pdf>>. Acessado em 24/03/2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio**. **REVISTA USP, SÃO PAULO (37): 82 - 91, MARÇO / MAIO 1998**. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27047>>. Acessado em 04/01/2016.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **Carolina Maria de Jesus: a morada da palavra**. **Grau Zero-Revista de Crítica Cultural**, 3, n.1, 2015.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. Dissertação (mestrado). –São Paulo, 2013.

MACHADO, Bárbara Araújo. **“Escrevivência”**: a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. **Negro intelectual, intelectual negro ou negro-intelectual: considerações do processo de constituir-se negro intelectual**. Tese (Doutorado).—São Carlos: UFSCar, 2013. Disponível em <[http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=7326](http://www.btd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7326)>. Acessado em 08/01/2016.

PERPETÚA, Elzira Divina. **Produção e recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus: relações publicitárias, contextuais e editoriais**. **EM TESE**. Belo Horizonte, v.5, p. 33-42, dez. 2002.

POÉTICA da diáspora. São Paulo. Pesquisa FAPESP. S/D. 1 vídeo digital. (9 min. 35s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g>>. Acessado em 08 de Junho de 2016.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**/ Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres. (et al). – São Paulo: Atlas, 1999.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e nas produção cultura negra no Brasil**. Salvador/Rio de Janeiro, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: Por uma história política / [ direção de ] René Rémond; tradução Dora Rocha.- 2.ed.-Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SANTOS, Gláucia. **A intelectualidade de Carolina Maria de Jesus por meio de sua obra “Quarto de Despejo”**. *Pergaminho* (5): 59-68, dez. 2014. Disponível em <[http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/599489/A+intelectualidade+de+Carolina++Maria+de+Jesus+por+meio+de+sua+obra++\\_Quarto+de+Despejo](http://pergaminho.unipam.edu.br/documents/43440/599489/A+intelectualidade+de+Carolina++Maria+de+Jesus+por+meio+de+sua+obra++_Quarto+de+Despejo)>. Acessado em 08/02/2016.

SILVA, Régia Agostinha da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre a escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado). São Paulo, 2013. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-14032014-094659/pt-br.php>>. Acessado em 08/01/2016.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Carolina Maria de Jesus e os discursos da negritude: literatura afro-brasileira, jornais negros e vozes marginalizadas**. *História & Perspectivas*, Uberlândia (39): 59-88, jul.dez.2008.

SOUSA, Germana Henrique Pereira de. **Memória, autobiografia e diário íntimo**. In: Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata. Tese (Doutorado em Teoria Literária)- Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **Carolina Maria de Jesus: a escrita de si**. *Letrônica*, Porto Alegre v.3, n.1, p.248, jul. 2010.

VIDAS de Carolina. São Paulo. Instituto criar de TV, cinema e novas mídias. S/D. 1 vídeo digital. (9 min. 50s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AkeYwVc2JL0>>. Acessado em 08 de Junho de 2016.